



FACULDADE METROPOLITANA
NORTE RIOGRANDENSE

FACULDADE METROPOLITANA NORTE RIOGRANDENSE
DIRETORIA DE GRADUAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

EDILSON FERREIRA DE ARAÚJO

**A DOCÊNCIA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL UM ESPAÇO AINDA
CONSIDERADO FEMININO.**

NATAL-RN

2023

EDILSON FERREIRA DE ARAÚJO

**A DOCÊNCIA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL UM ESPAÇO AINDA
CONSIDERADO FEMININO.**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia,
da Faculdade Metropolitana Norte
Riograndense – FAMEN - como pré-requisito
para a obtenção do título de graduado (a) em
Pedagogia.

Orientadora: Professora Ms. Adriana Mônica
Oliveira

NATAL-RN

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte

Biblioteca Immanuel Kant – Faculdade Metropolitana Norte Riograndense

A663d Araújo, Edilson Ferreira de.

A docência masculina na educação infantil um espaço ainda considerado feminino / Andrea Ramos da Silva Ferreira. – Natal, 2023.

39 f.

Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade Metropolitana Norte Riograndense, Departamento de Pedagogia. Natal, RN, 2023.

Orientadora: Profa. Ms. Adriana Mônica Oliveira.

1. Educação infantil – Monografia. 2. Profissional – Monografia 3. Gênero masculino – Monografia. 4. Preconceito – Monografia I. Oliveira, Adriana Mônica. II. Título.

CDD – 370

CDU – 37

Elaborada pelo Bibliotecário Miqueias Alex de Souza Pereira – CRB – 15/925

Índice de catálogo sistemático:

1. Educação – 370

2. Educação. Ensino. Instrução – 37

EDILSON FERREIRA DE ARAÚJO

**A DOCÊNCIA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL UM ESPAÇO AINDA
CONSIDERADO FEMININO.**

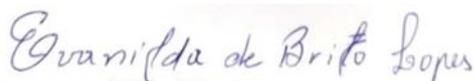
Monografia apresentada ao curso de Pedagogia,
da Faculdade Metropolitana Norte
Riograndense (FAMEN) como pré-requisito
para a obtenção do título de graduado(a) em
Pedagogia.

Monografia apresentada e aprovada em 21/07/2023, pela seguinte Banca Examinadora:

BANCA EXAMINADORA



Professora Orientadora Mestra Adriana Mônica Oliveira
FAMEN



Professora examinadora Mestra Evanilda de Brito Lopes
FAMEN



Professora examinadora Mestra Amanda Ágda S. Gutierrez
FAMEN

**NATAL - RN
2023**

DEDICATÓRIA

Dedico aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por me dar força e perseverança para não desistir de atingir os meus objetivos, mesmo nos momentos mais difíceis;

À minha família, pelo apoio e estímulo em todos os momentos de minha vida acadêmica;

À minha orientadora, a Professora Ms. Adriana Mônica Oliveira, pela atenção em auxiliar na realização do presente trabalho.

O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo. Mesmo não atingindo o alvo, quem busca e vence obstáculos, no mínimo fará coisas admiráveis.

José de Alencar.

RESUMO

A DOCÊNCIA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL UM ESPAÇO AINDA CONSIDERADO FEMININO

No campo das temáticas, discussões sobre a presença masculina na educação têm sido cada vez mais frequentes, o tema deste estudo científico proporciona a desenvolver uma pesquisa que evidência, a presença de homens como educadores no campo da Educação Infantil, num espaço de trabalho em que se destaca a figura feminina. Este artigo aborda o tema “Ser professor na educação infantil: Possibilidades e desafios”, com o objetivo de compreender como os homens professores atuam na Educação Infantil diante desta profissão caracterizada a figura tipicamente feminina. Justificado a escolha do tema, por visualiza o preconceito em situações que professores estagiários passam em algumas situações, com portas fechadas das salas de aula, só pelo motivo de ser uma figura masculina. Neste patamar, reflexões abrangeram durante o percurso deste curso, questionamento de como os homens professores atuam na educação infantil diante desta profissão caracterizada a figura tipicamente feminina? Assim, teremos uma abordagem qualitativa, evidenciando o estudo, a partir de revisão teórica e documental, com entrevistas estruturadas, na procura de identificar como se encontra na atualidade as relações de trabalho do professor na educação infantil em meio a comunidade escolar. Artigo constituído por vários teóricos como Nunes (2011), Santos (2016), Santos (2021), Melo (2019), Souza (2022) e Sayão (2005). A última, autora pioneira com este olhar do homem na sala de aula de ensino infantil. Portanto, seja, figura masculina ou feminina para os educadores, o profissional deve ter competência e ética, existentes sempre na sua atuação, validado pela escuta todo dia das crianças.

Palavras-chave: Educação. Infantil. Professor. Preconceito. Profissional.

ABSTRACT

MALE TEACHING IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION, IN A SPACE STILL CONSIDERED FEMININE.

In the field of themes, discussions about the male presence in education have been more and more frequent, the theme of this scientific study allows to develop a research that evidences, the presence of men as educators in the field of Early Childhood Education, in a workspace in which the female figure stands out. This article addresses the theme “Being a teacher in early childhood education: Possibilities and challenges”, with the aim of understanding how male teachers work in early childhood education in the face of this profession characterized as a typically female figure. Justified the choice of theme, because it visualizes the prejudice in situations that trainee teachers go through in some situations, with closed classroom doors, just for the reason of being a male figure. At this level, reflections covered during the course of this course, questioning how male teachers act in early childhood education in the face of this profession characterized as a typically female figure? Thus, we will have a qualitative approach, highlighting the study, from a theoretical and documentary review, with structured interviews, in an attempt to identify how the teacher's work relationships in early childhood education are found in the midst of the school community. Article consisting of several theorists such as Nunes (2011), Santos (2016), Santos (2021), Melo (2019), Souza (2022) and Sayão (2005). She is the last one, a pioneering author with this look of the man in the kindergarten classroom. Therefore, whether a male or female figure for educators, the professional must have competence and ethics, which are always present in their work, validated by listening to children every day.

Keywords: Education. Childish. Teacher. Prejudice. Professional.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 PANORAMA HISTÓRICO EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL.....	10
3 ATUAÇÃO DOCENTE NA TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO.....	15
4 A PRÁTICA DO CUIDAR E EDUCAR	21
4.1 Narrativas de professores entrevistados em um projeto de mestrado sobre gênero masculino trabalhando na Educação Infantil.....	23
5 METODOLOGIA.....	32
6 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	34
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS.....	37

1 INTRODUÇÃO

A desigualdade de gênero é historicamente intrínseca na sociedade contemporânea, especialmente nas oportunidades profissionais. Visto esta situação em várias áreas profissionais, com a área da educação, no momento atuando nas salas de aula figuras masculinas onde até então permanecia as mulheres. Este artigo aborda o tema Ser professor na educação infantil: Possibilidades e desafios, com o objetivo de compreender como os homens professores atuam na educação infantil diante desta profissão caracterizada a figura tipicamente feminina.

A escolha deste tema foi por ser um homem que está na fase final de um Curso de Pedagogia e até o momento visualiza o preconceito em situações que professores estagiários tem com algumas portas fechadas, como as das salas de aula, só pelo motivo de ser uma figura masculina. Neste patamar, reflexões abrangeram durante o percurso deste curso, questionamento de como os professores atuam na educação infantil diante desta profissão caracterizada a figura tipicamente feminina?

A abordagem deste estudo é de pesquisa qualitativa, com o auxílio da ferramenta Google acadêmico, nele pesquisas foram instigadas, na maior parte das vezes compreendido aos conhecimentos da Educação Infantil. O objeto estudado está ligado no desenvolvimento de base no material já elaborado, pesquisa bibliográfica, isso ao universo existencial as abordagens do ensino infantil ao trabalho docente por professores. Assim, teremos uma abordagem na qual possibilita ir a fundo com os objetivos traçados, na busca de algumas respostas de acordo com o tema, evidenciando o estudo, a partir de revisão teórica, na procura de identificar como se encontra na atualidade as relações de trabalho do professor na educação infantil em meio a comunidade escolar com figuras de grande maioria femininas.

Artigo constituído por vários teóricos como Nunes (2011) apresentando um panorama histórico da educação infantil no Brasil, Santos (2016) na desenvoltura de falar sobre quando teve esta troca de professores através do gênero, Santos (2021) descreve sobre a docência masculina na educação infantil seguido por Melo (2019), Souza (2022) e Sayão (2005) autora esta que desenvolveu em seu mestrado na questão dos homens no magistério, nas faculdades de pedagogia, numa expectativa de ingressarem nas salas de aulas ao ensino com crianças pequenas.

Nesta situação de grandes autores em apoio na construção deste trabalho, se teve a elaboração por etapas como, introdução situando o leitor sobre como está constituído este estudo. No desenvolvimento sessões e subseção de acordo com o objeto deste trabalho, na atuação do professor nas salas infantis, momentos históricos, legalização profissional ao ensino

na educação infantil. Desenvolvendo uma sessão sobre a troca de professores por professoras durante a história da educação e um estudo sobre o trabalho acadêmico da Sayão (2005), autora pioneira para um olhar do homem na sala de aula no ensino infantil, na qual a mesma, desenvolveu entrevistas com professores atuantes na educação infantil.

Diante da construção deste trabalho, temos seção de metodologia, resultados e discussões em que se detalhar os métodos e procedimentos empregados durante a pesquisa, apresentando os resultados analisados. Desta forma, se é esperado que este artigo acadêmico auxilie vários outros estudantes do gênero masculino, no curso de pedagogia, a se direcionarem e não se sentirem estranhos num espaço até então da figura feminina.

2 PANORAMA HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

No âmbito teórico ou conceitual das ciências que estudam as crianças, temos a compreensão de que tudo o que se faz referente ao cuidado com elas está se transmitindo valores, estilos de relacionamento, formando a autoestima da criança, dando-lhe experiências e elementos para construir determinada visão de mundo, de si mesma e do outro.

Essa compreensão é resultado de um processo de mais de cem anos na sociedade brasileira, prática cotidiana nas instituições de assistência social e educação, com setores separados e específicos da administração pública, possuindo profissionais com formação diferente e atribuir-lhes funções distintas (as relacionadas ao corpo: higiene, alimentação, sono; e as relacionadas à mente: linguagem, expressões, pensamento) dentro do mesmo espaço de atendimento à criança.

O processo histórico das instituições infantis, creches, produzem a compreensão de lugar para cuidar e educar, não mais vistos como ações distintas e se que relacionam e se complementam, vale dizer indissociáveis. Esse caminho percorrido pela história tem duas dimensões, política e administrativa e técnico-científica. O primeiro ato é que educar e cuidar foram expressas ao longo do tempo as organizações sociais, de órgãos administrativo governamental, em que a dimensão dos atos e fatos na história chama atenção pública para à criança no Brasil. Referente, nos aspectos de educação e cuidado, situando-os no espaço geográfico, demográfico, econômico e político-administrativo.

Direito de toda criança desde o nascimento, a educação infantil, como em instituições próprias (sob o nome de creches, pré-escolas ou outro equivalente, como centros de educação infantil), se objetiva explicitamente na política educacional com dever dos organismos governamentais, no direito de todas as crianças a expansão do atendimento na faixa de 0 a 3 anos. Na parte de creche, segmento de 0 a 6 anos, a educação infantil indissociável do educar e cuidar, ofertando qualidade profissional nos cursos de formação definido o perfil destes trabalhadores.

Para situar temos agora, os principais eventos no caminho de construção dos conceitos do educar e cuidar integralidade do desenvolvimento infantil e do direito à educação infantil.

- do começo das iniciativas de atendimento à criança até a redemocratização do país (1875-1985);
- período da Assembleia Nacional Constituinte, promulgação da Constituição Federal e elaboração das leis que a regulamentam na área dos direitos da criança (1986-1996);

- formulação de diretrizes, políticas, planos e programas que objetivam a realização dos direitos da criança de 1996 até os dias atuais. (NUNES, 2011, p. 17)

Nunes fala que no primeiro período (1875-1985) caracteriza com atendimento integral da criança, na diversidade de iniciativas em diferentes setores; o segundo, intensa e diversa participação da sociedade construindo arcabouço jurídico no acolhimento a criança como cidadã, sujeito de direitos; e o período atual, o Estado foca na criança como sujeito de políticas públicas e se toma a mobilização social, por meio de suas organizações representativas.

No período (1875-1985) a criança era atendida no contexto de cuidar e educar, redemocratização do país, caracterizado pela importação dos modelos europeus de atenção à criança. Neste momento, as creches caráter assistencial, as matriculas eram para os filhos de mulheres que exerciam trabalho extradomiciliar, crianças desamparadas, órfãs ou abandonadas, e os jardins de infância crianças das classes abastadas não sendo assistencialista e sim educacional.

Em que as condições econômicas eram fatores que influenciavam no tipo de instituição que as crianças eram atendidas, determinando os objetivos e as atividades que caracterizavam esses estabelecimentos. Exemplo está em que as creches visavam a cuidado físico, saúde, alimentação, formação de hábitos de higiene, comportamentos sociais. O jardim de infância, inspiração froebeliana¹, o desenvolvimento físico, social, afetivo e cognitivo, por meio das atividades lúdicas, do movimento e da autoexpressão. Essa visão dicotomizada se tornou uma referência de infância, num lado da linha divisória, as crianças das famílias pobres, negras descendentes de escravos, indígenas, abandonadas, órfãs, com deficiência do outro lado, as crianças das classes média e alta, brancas.

Estas eram o modelo e a referência para a avaliação do desenvolvimento das demais, embora as propostas de atendimento daquelas não visassem a promovê-las a ponto de alcançar o mesmo status socioeconômico; visavam antes a que fossem sadias, fisicamente bem desenvolvidas e pudessem contribuir para a formação de um povo forte e um país desenvolvido. (NUNES, 2011, p.18)

Através desses dois modelos creches e jardins de infância o resultado fica visível em meado do século XX, nas utilizações de expressões paradigmáticas – criança e menor.

¹ O Jardim de Infância da Escola Froebeliana caracteriza-se por, atividades como: canto, jogos, pinturas, palestras, jardinagem, modelagem, olhar gravuras e ouvir histórias. Froebel criou um material pedagógico muito rico, constituído por sólidos geométricos, gravuras coloridas, trabalhos manuais que consistiam em exercícios sensorio-motores (pintura, desenho, recorte, colagem, tecelagem, bordados, etc.)

Encontrando-se dessa forma: a palavra criança servia para o sujeito branco, bem nutrido, de sorriso cativante, filho(a) de família de classe média e alta, de futuro previsto como de bem estar, desenvolvimento e felicidade. No termo “menor” era para a criança negra, desnutrida, de família pobre ou desestruturada, altamente vulnerável à doença e candidata a engrossar a estatística da mortalidade infantil.

Tendo estas conotações ideológicas vindas do ciclo Europeu, se foi implantado condições para inspirar sentimentos e atitudes das elites intelectuais, profissionais e políticas em relação à infância. Nos Estados Unidos em 1970, conceitos ideológicos da privação cultural e dos programas compensatórios são detidos na visão dicotômica de ganhar novo impulso e romper nos debates sobre a criança no Brasil e seus direitos, no período de elaboração da nova Constituição Federal, meados de 1986 e do Estatuto da Criança e do Adolescente, na década de 90. (NUNES, 2011, p. 18)

No Rio de Janeiro e em São Paulo iniciaram os primeiros jardins de infância como iniciativas educacionais para a primeira infância. Na Reforma Leôncio de Carvalho, 1879, se estabeleceu em todos os municípios do Império, o ensino primário obrigatório, determinando que, em todos os distritos, tivesse um jardim de infância, na função de cuidar da formação da criança antes dos seus 7 anos. Seguidamente, surgiu a iniciativa privada, derivada da área da saúde, mas com um olhar assistencial integral à criança como no Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Brasil, criado em 1880, no distrito do Rio de Janeiro, pelo médico pediatra e higienista Arthur Moncorvo Filho.

Instituto foram atribuídos objetivos bastante amplos e diversificados: (a) atender aos menores de 8 anos, (b) elaborar leis que regulassem a vida e a saúde dos recém-nascidos, (c) regular o serviço das amas de leite, (d) velar pelos menores trabalhadores e criminosos, (e) atender as crianças pobres, doentes, defeituosas, maltratadas e moralmente abandonadas, (f) criar maternidades, creches e jardins de infância (NUNES, 2011, p. 19)

Desta forma, as crianças pobres e abandonadas, eram deixadas na “roda dos expostos” que não durou muito tempo, pois, não foi promovido a estas crianças ações de apoio governamental. Seguindo, em 1919, o Departamento da Criança no Brasil, foi fundado pelo criador do Instituto de Proteção e Assistência à Infância, onde realizava e divulgava estudos sobre a situação da criança nesta época, realizava congressos em prol de promover iniciativas que levassem ao desenvolvimento infantil e velar pela aplicação das leis de amparo à criança.

Fato histórico, em 1922, ocorre no I Congresso de Proteção à Infância, alerta para a necessidade da aprovação de leis exclusivas respectivas aos direitos das crianças, assim como

leis determinantes dos exames pré-nupciais, do ensino obrigatório de puericultura, o estudo da pediatria, sugerindo a regulamentação dos institutos de assistência à infância, como também neste tempo se teve a abolição das “rodas dos expostos”.

Em 1933, Congresso Nacional de Proteção à Infância, realizado no Rio de Janeiro, Anísio Teixeira chama atenção para a precisão de transcender o olhar a restrição da criança na pré-escolar ao seu aspecto físico e de saúde, uma vez as funções atribuídas à educação estavam relacionadas ao desenvolvimento na formação de habilidades mentais e social na criança.

Sendo notório, em 1952, sob o Departamento Nacional da Criança - Mesp, a publicação um livreto em orientava as creches a terem materiais propícios na educação das crianças pequenas, cuja lista não é diferente de muito das que são feitas hoje. Foi em 1967, que se lançou o Plano de Assistência ao Pré-Escolar, para crianças de até 2 anos, abrangendo a construção de escolas maternas e jardins de infância como lugares de auxílio das famílias na educação de seus filhos pequenos. “Promover o desenvolvimento integral harmonioso da criança, por meio de experiências de vida que favorecessem a formação de hábitos sadios e estimulassem a capacidade de adaptação progressiva ao meio social” (NUNES, 2011, p. 21)

Em 1968, realiza no Rio de Janeiro o I Encontro Interamericano de Proteção ao Pré-escolar, numa promoção que envolveu o Departamento nacional da Criança - DNCr, a Organização Mundial Educação Pré-Escolar - Omep, a Legião Brasileira de Assistência - LBA, a Fundação Nacional do Bem- EStar do Menor - Funabem, a Secretaria de Educação de então estado da Guanabara e o Fundo das Nações Unidas para Infância - UNICEF. Participantes do Congresso fazem recomendações das necessidades políticas integradas, ações proferidas e de atenção global à criança, aliado de cuidados, alimentação, saúde, assistência e educação.

Voltando ao tempo, não podemos deixar de falar o que ocorreu em 1941, ano que foi criado o Serviço de Assistência a Menores, na esfera do Ministério da Justiça, público-alvo crianças e adolescentes de até 18 anos abandonados e delinquentes. Na Fundação Nacional de Bem-Estar do Menor (Funabem) que veio substituí, em 1964, o Serviço de Assistência a Menores, formulando e implementando a política de bem-estar do menor, as instituições equivalentes era a Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (Febem), com desígnio e estrutura semelhantes, se localizava na Secretaria de Assistência Social a LBA e a Funabem dividiram seus grupos-alvo: de 0 a 6 e de 7 a 18 anos. (NUNES, 2011, p. 23)

Em Brasília, 1980, foi realizado o Congresso com o tema Criança Precisa de Atenção, o foco estava no atendimento integral e integrado do nascimento aos 6 anos. Marco de tomada de decisão política no país em afinidade à educação pré-escolar e na necessidade de articulação dos órgãos do governo na oferta de atenção integral à criança, tendo em vista seu

desenvolvimento harmônico. A Legião Brasileira de Assistência - LBA, teve na sua trajetória histórica conceitos de cuidar e educar, com finalidade de assistir as famílias dos soldados vindos da Europa onde lutaram na Segunda Guerra Mundial, só em 1946 que se teve a tomada de formalizar seu objetivo a maternidade e a infância.

No Projeto Casulo (1977), se iniciou a reflexão dessa tendência, buscavam o equilíbrio na educação. O Ministério da Previdência e Assistência Social - MPAS, ao qual a LBA estava vinculada, fez uma edição de um pequeno livro com orientação prática, o “Vamos fazer uma creche”, livro este que explicava as ações educacionais a serem desenvolvidas.

A LBA acaba em 1995, e a Secretaria de Assistência Social do Ministério da Previdência e Assistência Social - MPAS, se intitula como Programa Creche Manutenção numa política de assistência social, assim, o Ministério do Desenvolvimento Social (MDS) autoriza em 1988, que a creche se torna uma instituição tipicamente educacional caracterizada pela legislação da Constituição Federal, o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) situando na esfera da educação, a que compete sistemas de ensino, e não da assistência social nos municípios que mudaram a rede de educação infantil da Secretaria de Assistência Social para a de Educação. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), de 1990 foi quem revolucionou o conceito e criação dos mecanismos operacionais para a implementação dos direitos da criança no Brasil até os dias atuais. (NUNES, 2011, p. 26)

3 ATUAÇÃO DOCENTE NA TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO

A educação infantil surge com seu principal objetivo garantir que as mulheres tivessem disponibilidade para o mercado de trabalho, tornando-se um espaço de cunho assistencialista propicia aos filhos das trabalhadoras, que tinha o intuito de substituir a falta das mães, um subsídio, a creche surge para que mulheres pudessem trabalhar e contribuir no desenvolver o país no período marcado pela industrialização.

No Brasil, tentativas de organizar e abrir creches, de caráter assistencialista, tornaram necessário a criação de espaços de acolhimento às crianças, ajudando as mulheres que trabalhavam fora de casa, devido a necessidade de mão de obra trabalhista. Neste cenário, a educação infantil aparece para suprir as necessidades de cuidar e promover a higienização e, por fim, de ajudar aos pais que não tinham onde deixar seus filhos enquanto estavam trabalhando, assumindo uma carga horária pesada.

A organização da educação infantil muda a partir da Constituição de 1988 que sanciona a educação para todos, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, 9394/96) e de novas discussões que emergem de estudos realizados atualmente (SANTOS, 2016, p. 12)

Nesta perspectiva, da LDB está o cuidar, prática básica direcionada às crianças pequenas, atualmente o cuidar e educar não devem ser separados, e se ter vínculo numa proposta na pedagogia. Formalizando o ensino infantil espaço de interações, do brincar e aprender. Para tal função de construir e ampliar um conhecimento cultural, especificamente temos o professor/educador (a), mas, a aceitação de docentes masculinos nessa modalidade de ensino ainda está na fase de construção no aceitar sua presença na sala de aula de educação infantil. “O professor homem torna-se um corpo estranho quando chega à Educação infantil, pois a chegada de um homem num espaço dominado por mulheres e supostamente feminino produz uma sensação de deslocamento, desconfiança e incômodo” (SANTOS, 2016, p. 13 apud SAYÃO, 2005, p.66).

Ainda está atrelado à maternidade o ofício da educação de crianças pequenas, algo que se coloca como uma barreira à docência masculina, como o fato o cuidar que envolve atividades de higiene, como o banho.

Pode-se observar que a maior dificuldade é social, pois esse preconceito traz consigo as marcas culturais da maternagem. O preconceito ainda é grande em relação aos homens que se dedicam ao trabalho com crianças pequenas. Além de enfrentarem o fato de que cuidar de crianças seja uma função específica da mulher, na maioria das vezes, ainda tem colocado sob suspeita a sua

orientação sexual ou sofrem com represálias por parte de alguns pais, receosos de que seus filhos, em especial as meninas, sofram algum tipo de abuso (SANTOS, 2016, P. 14 apud ARAÚJO E HAMMES, 2012, p.8).

Caracterizando certo preconceito e medo, causando barreiras para que o homem cumpra determinada tarefa, pois ele é considerado como ameaça. A legislação vigente é bem clara, não determina um gênero para atuar na educação, mas exige formação acadêmica para todos:

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos 5 (cinco) primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio na modalidade normal. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013). (BRASIL, 1996, p. 26).

Artigo este, a única exigência para atuar na educação infantil, mesmo que seja um homem, possuindo formação acadêmica, além do seu desejo de exercer o papel, ele está apto para lecionar numa sala de aula, mesmo que infantil. Mas a questão não é tão fácil como se coloca, a quantidade de homens desempenhando o ofício de magistério é muito pequena comparado com às mulheres, o trabalho docente exercido por homens perpassa por muitos preconceitos.

A Educação Infantil é organizada em atender à criança na sua integralidade, proporcionando de forma plena ao desenvolvimento infantil. Logo, as Creches e pré-escolas, em sua maior parte, trabalham em período integral ou ampliando a jornada escolar. Nesse sentido, o profissional deve estar preparado para exercer as mais diversas atividades, atuante dessa modalidade de ensino infantil, deverá exercer o dar banho, pentear cabelo, fazer dormir e outras tarefas.

Talvez, nesta colocação esteja o porquê de os homens ainda serem em minoria atuantes nesse campo educacional, ficando deslocados ou “fora do lugar” nas instituições escolares. Santos (2016, p. 15) apud Sayão (2005, p. 16) afirma que “são evidentes os preconceitos e os estigmas originários de ideias que veem a profissão como eminentemente feminina porque lida diretamente com os cuidados corporais de meninos e meninas.”

Mesmo assim, é possível falar que a educação infantil é espaço para homens e mulheres, nele acontece a socialização, formação humanizada e descoberta de mundos. Pois, esta responsabilidade assumir e compartilhar descobertas com as crianças é tão instigante tanto para que atua na sala independente do gênero atuante como mediador do saber.

Fato interessante, relata Santos (2016) que à docência não foi sempre exercida por mulheres, o ato de lecionar nas escolas primárias foi ofício dos homens, os primeiros professores, primeiramente, somente eles tinham acesso ao conhecimento da escola. Segundo Santos (2016, p. 15) apud Aranha (2006, p.111), “na idade média as mulheres não tinham acesso à educação formal, nem como alunas, nem como docentes.”

Os primeiros professores no Brasil foram os jesuítas, não que os padres detinham o conhecimento formal, mas vinham ao Brasil catequizar os indígenas a religião deles, nada mais que um ato de ensinar que eles ministravam às crianças meninos e jovens. Demonstrando que os homens iniciaram o processo de educação no país, a mulher só foi inserida aos poucos ao longo das novas gerações, ficando atuante o processo de ensino escolar idealizado para os homens. A mulher era tida como incapaz de lidar com o conhecimento destinado aos meninos. “A escola era vista como masculina, pois era um espaço de conhecimento, historicamente produzido pelos homens.” (SANTOS, 2016, P. 17 apud LOURO, 1997, p. 89)

O Brasil passando por diversos marcos econômicos durante o século XIX, começou a desenvolver e ampliar o processo de urbanização. A elite começa a investir no país, na busca construir uma economia própria pelas atividades econômicas realizadas no país e posição exterior que se institucionalizava na época. Uma missão civilizatória atribuída às mulheres e fazendo crescer a disputa sobre a educação brasileira, em particular a educação das meninas - até então inexistente praticamente, as mulheres abrem um olhar do outro como condutoras morais no meio social.

A docência começa ser má remunerada, os professores homens começam a se afastar e agora aparecia a mulher no papel de socializador, unido à moralidade. Santos (2016, p. 18) apud Aranha (2006) afirmam através de seus estudos que se estabeleceu na educação para as “mulheres somente as mulheres poder dar aulas para as mulheres e os homens para os homens, assim, o problema que se enfrenta é encontrar professoras preparadas ou com o mínimo preparo para ensinar”.

Amparado nos estudos de Santos (2016, p. 18) apresenta que na época de 1875, foi criado a seção feminina na Escola Normal da província, a carreira do magistério estava ao alcance das moças que puderam se profissionalizar. Agora está a problemática ao ensino e os espaços precários, focalizando a abertura e fechamento de escolas, ao término do século predomina a classe docente feminina, à docência leva à sua substituição pela mulher apresentando o afastamento do homem.

As mulheres vão sofrendo apelos das políticas públicas para substituírem os homens na “nobre” missão de educar. Não é, entretanto, uma mudança puramente biológica. [...]. Na realidade, o que muda é o gênero do magistério reforçado pelos interesses hegemônicos que reforçam os estereótipos sociais sobre as relações de gênero e o caráter missionário do trabalho feminino na esfera pública. O discurso oficial enfatizava que ensinar crianças era um atributo feminino, era um trabalho para virtuosos, cujas ações deveriam se pautar no amor e não nas recompensas materiais. (SANTOS, 2016, p. 19 apud CHAMON, 2006, p.09).

Ocasiona na mulher assumir o ofício na educação num emaranhado contexto de um discurso vocacional, romantizado, mas, ao mesmo tempo, com limites e ordens. Uma fala de essência angelical, afetividade ligada a professora, numa ampliação a ideia de que a professora deveria amar o ofício, personagem principal para uma vocação ao ato de lecionar, portanto elas deveriam ensinar com amor. Mesmo assim, a escola podemos ter situações de surgir reflexões sobre as construções sociais e culturais acerca das noções de masculino e feminino, mesmo que de maneira velada ou anônima, o lugar do masculino e do feminino sendo traçado ao ato de lecionar.

Essas representações, embora por vezes conflitantes, tipificam professores e professoras. De um modo talvez um tanto esquemático, se poderia dizer que a representação dominante do professor homem foi – e provavelmente ainda seja – mais ligada à autoridade e ao conhecimento, enquanto que a da professora mulher se vincula mais ao cuidado e ao apoio maternal a aprendizagem dos/das alunos/as (SANTOS, 2016, p. 19 apud LOURO, p.107).

Neste olhar, em diferenciar o professor da professora é que temos o espaço de atuação perpassando por várias mudanças, entre elas, um cenário que consta ser típico do androcêntrismo se tornando praticamente ginocêntrico, a mulher ocupa um espaço que até então era dominado pelo homem. Outros ofícios os homens passaram a desenvolver, enquanto as mulheres adentravam as salas de aula assumindo o papel de docente das crianças pequenas também pelo imaginário de maternidade associada a tal prática.

A existência dos professores homens na educação infantil tem sido questionada com argumentos quanto o risco desses profissionais trabalharem com às crianças, colocando sob suspeita pela comunidade escolar. Sendo um assunto onde não há consenso, também vemos opiniões favoráveis a maior participação masculina no ensino infantil, pontos positivos a ser apresentados.

Santos (2021) descreve que estudos evidenciam a figura masculina no ensino da educação infantil, apesar de não ser consensual, autores apresentam alguns pontos positivos

como, o fato de ampliarem noções de masculinidades das crianças na visão de Cruz (1998), já que se trata de homens que cuidam, seja por apresentarem um olhar otimizado em relação à valorização profissional na fala de Sayão (2005) ou por apresentarem alterações, ainda que desinibidas, nas relações do dia a dia entre homens e mulheres (JAEGER; JACQUES, 2017). “No entanto, nessas mesmas investigações, há o receio de que esses profissionais apresentem perigo às crianças e, por isso, tenham sua reputação colocada em suspeita pela comunidade escolar” (SANTOS, 2021, p.06 apud RAMOS, 2017).

A necessidade da discussão sobre a noção de masculinidade e suas amplitudes é forçada pelo avanço científico. Nesse ponto que devemos progredir, somos uma sociedade multiforme onde a masculinidade e a feminilidade sejam construídas por boas práticas sociais, como Santos (2021, p. 08) apresenta citando outros autores:

Como categoria de análise, o gênero é compreendido como uma performance cotidiana aberta à reflexão e ao questionamento (West e Zimmerman, 1987). Trata-se, pois, de uma construção que, apesar de subjetiva, é simultaneamente sistemática, recorrente e estabelecida de modo interpessoal (Connell e Pearse, 2015). A compreensão do gênero decorre da apropriação de um conjunto de práticas sociais nas quais os indivíduos se constroem na qualidade de homens e mulheres, meninos e meninas, ao passo que, nas situações cotidianas, constroem também as relações de gênero. Compreende-se o gênero, portanto, como consequência da tessitura de uma rede de significados culturais, histórica e socialmente elaborada sobre e com base nos modos como os corpos são socialmente significados, ao mesmo tempo que são respectivamente construídos.

A ampliação da presença masculina nas salas de aulas infantil apresentaria, a quebra na visão padrão e que homens devem trabalhar em outras áreas deixando o ensino e o cuidado mais para as mulheres. A presença dos homens na docência da educação infantil influencia atualmente produções teóricas, apesar de ainda ser muito escassa a bibliografia, já pode notar especificidades do gênero em relação ao campo profissional diante de alguns autores.

Produções teóricas sobre homens no ensino da educação infantil (Cruz, 1998; Sayão, 2005; Ramos, 2011; Monteiro e Altmann, 2014; Silva, 2014; Jaeger e Jacques, 2017; Silva et al., 2018; dentre outros) tem demonstrado distinções definidas pelas especificidades do gênero nas relações constituídas nesse campo com o desempenho profissional. Dessa forma, as pesquisas têm proporcionado importantes ajudas para a área educacional, em que as relações de “gênero têm figurado no centro do debate nacional, principalmente no campo educacional, impulsionadas por setores ultraconservadores que insistem em retirar direitos historicamente conquistados por grupos minoritários no Brasil” (SANTOS, 2021, p. 03)

Devemos compreender que a docência na Educação Infantil é arquitetada por meio do trabalho profissional diário de homens e mulheres, e não está presa por uma estrutura de gênero. Ambos assumem potencial pedagógico na medida em que são inseridas as variadas possibilidades de ser e de estar no mundo educacional. Assim, os projetos pedagógicos das instituições de educação infantil, deve ter posicionamento nos currículos das instituições sobre o cuidar e educar é não qual gênero é capaz de lecionar neste espaço infantil.

4 A PRÁTICA DO CUIDAR E BRINCAR POR PROFESSORES

Aos poucos os homens vêm se demonstrando capazes de lidar e atuar com crianças no contexto escolar da Educação Infantil, por mais que se o retrate de maneira bastante discriminatória por pais/responsáveis, como uma figura intimidadora/perversa perante as crianças devido em alguns apresentarem a integridade física de pessoas forte. Melo (2019) apud Gonçalves (2016), descreve a desigualdade entre homem e mulher numa construção social e cultural, projetando a uma segregação cheia de preconceitos e barreiras que anulam a prática de homens na docência na Educação Infantil.

A presença masculina na docência da Educação Infantil tem se mostrado pouco representativa para que sejam possíveis mudanças nesse sentido e, as razões que mantêm o homem afastado dessa profissão ainda têm mitos e ideias arraigados sobre masculinidade, espaço profissional ocupado preferencialmente por mulheres, além dos baixos salários, condições inadequadas de emprego e baixo status da profissão. (MELO, 2019, p. 07 apud SAPAROLLI, 1996, p.39)

É, fundamental repensar nestes padrões de preconceitos como um todo, mesmo pertencente a uma sociedade dita aberta a novas perspectivas. Assim, caberá ao homem conquistar e superar com base democrática e a favor do respeito, porém diante do tema sobre atuar na sala de educação infantil, algo está sendo mudado há algum tempo, porém ainda há muito a ser revisto nas instituições infantis.

Ignorar as repercussões da inserção de tais profissionais na Educação Infantil também é, do mesmo modo, ignorar alunos, familiares, colegas, gestores e a sociedade em geral que vem interagindo com esses homens professores. Tais interações, mesmo que ainda incipientes, são existentes no cenário educacional brasileiro e local, e precisam ser problematizadas para que se vislumbre a possibilidade de desnaturalização de estereótipos de gênero associados a homens e mulheres no cotidiano da Educação Infantil. (MELO, 2019, p. 09 apud SILVA, 2015. p.17)

Neste sentido, significa que o professor/educador deve esclarecer com seu trabalho a concepção abstrata da masculinidade soberana, recaída sobre diversas etapas da vida dos homens estimulada a longo do tempo. Fundamentando seu papel no desenvolvimento infantil através da afetividade e cabe, “nesse momento ao pedagogo homem, demonstrar de forma profissional que ele pode ser sensível e atencioso para com as necessidades da criança, sem, contudo, perder a didática e a competência de sua profissionalidade.” (SOUZA, 2022, p. 26)

A postura ética nas relações estabelecidas, tanto na fala quanto na escuta na sala de aula, serão aspectos que colaborarão para que o pedagogo homem forneça um novo significado a figura masculina atuando com o público infantil. Na visão Familiar a aceitação não será tão fácil diante da imagem de um homem dando banho no bebê, trocando fraldas, cuidando das necessidades fisiológicas da criança, já que essas funções são anexas à figura feminina, porém temos um fato, que este professor está respaldado pelo concurso público em que realizou.

Neste aspecto, a democracia na Constituição brasileira tem valido em suas propostas, segundo o que é instaurado na LDB 9394/1996, Art. 61 (BRASIL, p. 26): “Consideram-se profissionais da educação escolar básica os que, nela estando em efetivo exercício e tendo sido formados em cursos reconhecidos...”, sem distinção sexual, somente com o olhar para a formação dos profissionais[...] (SOUZA, 2022, p.27)

Nesta situação, aos dias atuais, temos o apoio legal de que os homens são capazes, independentemente de particularidades, a exercer sua formação profissional, legalmente cumprindo o exercício de seu ofício, sendo analisados pelas suas competências. Mas, se percebe que o atributo do trabalho do educador infantil contestado ou aprovado primeiramente pela família das crianças, procurando adicionar o seu aval na metodologia adotada na sala de aula. Na Educação Infantil, à docência é rotulada como área de trabalho de grande peso feminino, em que a presença masculina tem uma participação fluente. Quando trabalham, os professores homens são bem mais aceitos com pré-adolescentes e adolescentes. Na rotina da educação infantil está o cuidar, especificamente, em relação a higienização das crianças, daí este olhar diferenciando quando o educador e do sexo masculino.

O fator etário desta etapa da educação básica é primordial para o estudo de possíveis preconceitos e estereótipos da atuação do homem na docência, uma vez que nesta idade (até os 5 anos) a criança demanda maiores cuidados íntimos, tais como banho, troca de fralda, troca de roupa e acompanhamento em banheiro. (SOUZA, 2022, p. 29 apud FERREIRA E OLIVEIRA, 2019, p. 307)

Diante desta realidade, Souza (2022) descreve que se deve orientar ao profissional de ensino infantil que não aconteça contato físico durante a higienização das crianças. Os professores no momento do banho da criança devem orientar o auxiliar nesta situação, pois eles deveriam estar capacitados para proceder da melhor forma enquanto se banha a criança. Tal postura é novidade no meio da educação e convém, tanto para professores homens quanto para mulheres.

Uma observação, claro os cuidados de excesso de aproximação, tal procedimento não servirá para os bebês e para as crianças com determinadas necessidades especiais. “A solução então, parece estar longe da aquisição de condutas padrão para os profissionais, porém, tais procedimentos trarão ao menos uma amenização da tensão gerada pela problemática.” (SOUZA, 2022, p. 29 apud FERREIRA E OLIVEIRA, 2019, p. 307)

Atualmente a solução para superar tal concepção, está no resultado ao trabalhar com dedicação em um nível profissional em que o professor tenha certa demanda, a se relacionar interpessoalmente com os pais das crianças e, sobretudo, com as próprias crianças e que irá construir o ato de confiança, essencial para a quebra da barreira do medo junto com à intimidade. Recebe o reconhecimento pelo trabalho, torna-se gratificante para o pedagogo que se realiza e o respeito mútuo por cada um dos sujeitos envolvidos como as crianças, mães, pais e a direção da instituição educacional.

Essa forma de conceber o trabalho dos homens de forma “tranquila” só acontece com o tempo, quando a comunidade vai conhecendo o trabalho desses profissionais e das devolutivas das crianças em relação a eles. Tal afirmação pode ser percebida quando é perguntado aos participantes da pesquisa se alguma família já expôs insegurança em tê-los como profissional que cuida e educa seus filhos. (SOUZA, 2022, p. 30 apud RAMOS, 2020 p. 138)

No entanto, o papel fundamental do professor/educador está no desenvolvimento da afetividade para com a criança, cabendo ao pedagogo, evidenciar que ele pode ser um homem de imagem sensível e polido para com as crianças de acordo com especificidade de cada uma delas, sem perder a didática e competência como professor. No próximo capítulo descreveremos trajetórias de vida e profissão de alguns professores entrevistados no trabalho de mestrado da pioneira Sayão (2005), a qual teve este olhar sobre o tema explorado neste estudo acadêmico.

4. 1 Entrevistados num projeto de mestrado sobre o gênero masculino atuante na educação infantil

Na procura de dar visibilidade ao trabalho dos professores que atuam na Educação Infantil, Sayão (2005) apresenta em seu trabalho de mestrado sobre professores que atuam no ensino infantil, nele consta nomes dos entrevistados, suas narrativas com histórias e lembranças de suas vidas e de suas experiências profissionais, esta tese tem a finalidade de colocar de maneira clara o trabalho de docentes masculinos em cena atuando na Educação Infantil.

Estas múltiplas relações envolvem indivíduos reais, possuidores de histórias de vida singulares ou num contexto mais amplo nas suas relações sociais. Permeada entre os/as diferentes protagonistas, numa instituição de história e dinâmica própria das relações entre professores e professoras, profissionais, famílias, crianças e outros. Para recompor alguns momentos, se considerou o “tempo” vivenciado, como uma maneira de ajudar a cominar sentidos históricos aos fatos. “Os sujeitos, lembrando seus movimentos, vão atribuindo significados às suas vivências nos tempos e espaços por onde andaram. Assim, os “espaços” ultrapassam uma geografia eminentemente física, pois ganham sentidos, nesse caso, nas relações sociais”. (SAYÃO, 2005, p. 63)

A chegada na Educação Infantil fez os professores passarem por uma espécie de Ritual de Passagem, de maneira que os primeiros momentos dos professores demarcaram, muitas vezes, sua continuidade profissional ou busca por alternativas através de mudança no projeto profissional inicial. Desta forma, parece que ainda se tem muito o que percorrer nesta longa trajetória profissional dos homens ao ensino infantil, “A chegada de um homem num espaço dominado por mulheres e supostamente feminino produz uma sensação de deslocamento, desconfiança e incômodo”. (SAYÃO, 2005, p. 66)

Numa profissão, majoritária de mulheres, o ingresso de professores pode modificar a experiência vivenciada nas diferentes instituições que estes profissionais atuarem, crianças e familiares no espaço Infantil já existem neles o ritual e a cultural de figura feminina entre eles. A seguir, teremos expostos detalhes e algumas características de cada um dos professores em sua atuação docente. Há, alguns dos professores, no estudo de caso da autora “desistiram” do magistério na educação infantil.

Iniciaremos com Ângelo de 42 anos de idade, nascido em Florianópolis/SC, trabalhou sete anos como auxiliar de sala e como professor há oito meses, tem mais idade do que tempo de experiências com as crianças do ensino infantil. Referente a sua vivência quando pequeno a autora Sayão (2005) nos concedeu tal trecho:

[...] na minha infância eu não vivenciei essa coisa de ser criança. Eu fui marcado por muito trabalho. Eu tinha compromissos junto a minha família enquanto criança, compromissos como um adulto. De estar fazendo compras, estar indo ao mercado, comprar carne, vai à padaria. O meu pai era muito exigente com tudo o que se trazia, com todo o produto que chegava em casa. Eu não sabia o que era andar na rua brincando e hoje eu valorizo isso para as crianças desde que seja em local seguro. Hoje eu incentivo a criança a construir pipa e ir ao alto do morro soltar pipa. Eu não tive isso na minha infância. Construir brinquedos, eu nunca tive essa liberdade ou alguém que me incentivasse a construir um brinquedo que a gente faz hoje o pé de lata com a criança, o carrinho com tampa de lata e outras brincadeiras. Eu procuro

passar para as crianças aquilo de bom que eu tive. Agora coisas que me marcaram e que não são boas, eu procuro não passar [...] (ÂNGELO, PROFESSOR). (SAYÃO, 2005, p. 68)

Sayão (2005) fala que a infância está mais voltada para as responsabilidades em trabalhar, na afirmação do entrevistado fala que “não vivenciei essa coisa de ser criança”, fato de não ter vivenciado momentos para a brincadeira, a liberdade e criatividade em inventar brinquedos, mas, com essas realidades o professor viu que deveria incentivar as crianças a passar a valorizar o ato de brincar, serem livres na criatividade, passarem por experiências importantes, pois, é um direito que lhes pertence. Relato este vivenciado por Ângelo, faz parte da vivência da fase de infância de alguns professores, porém, nem todos tem essa visão de que a criança tem o direito a brincar, criar e ter liberdade de se expressar diante das suas interações.

Continuando o relato de entrevistado, sempre almejou a profissão de professor, mas se sentia despreparado para afrontar o vestibular: “eu sempre tinha aquele desejo escondido de ser professor um dia. Eu tinha vergonha de dizer que eu queria ser professor pelo fato de não ter a segurança, um conhecimento necessário para ser professor. (ÂNGELO, PROFESSOR)”. (SAYÃO, 2005, p. 69)

Conforme a autora Sayão (2005, p. 69) apud Williams (1995) homens que ingressam em profissões de características femininas não possuem a vontade de exercer tal profissão desde a infância ou, “pelo menos, não relatavam que seu desejo era proveniente de aspirações infantis. Uma possível explicação fornecida pela pesquisadora é dada pelo fato de as crianças vigiarem umas às outras quanto às opções de gênero”.

Não há professores na família de Ângelo, diante do relato da autora, como também não teve influência de sua família quanto à sua opção profissional. Quando comunicou aos familiares “que gostaria de ter o magistério como profissão e que prestaria vestibular para tal [...] pediram que eu fizesse um outro curso que me desse mais dinheiro, que me desse um futuro diferente [...]. (ÂNGELO, PROFESSOR)”. (SAYÃO, 2005, p. 70)

Rompimento de um o padrão social, do homem provedor com a escolha da sua opção, como Ângelo tomou, de ser docente. Como ele vários outros vencem as barreiras impostas na opção de ser professor na área infantil conquistada só por mulheres, desta forma, na busca da melhor formação na ascensão profissional, Ângelo e os demais necessitam atuar trabalhando com a crença de que podem ter vida financeira melhor, se dedicando nas horas vagas em outras profissões, juntamente por causa da profissão de educador, está tão desvalorizada socialmente.

[...] Agora, quanto a ser uma profissão que ganha tão pouco eu penso que eu decidi isso já com bastante maturidade. É o que eu quero para minha vida essa profissão. Eu tenho os pés no chão quando eu falo isso. Luto sempre. Tudo o

que eu faço é com carinho, com dedicação. E nessa profissão, eu quero lutar com comprometimento porque penso que se eu tendo condições de fazer um trabalho de qualidade, eu também posso estar lutando por um salário de qualidade. Então, é uma profissão que eu quero. Hoje ainda não dá porque eu tenho uma outra fonte de renda. A minha principal fonte de renda é essa enquanto professor, mas eu quero deixar dentro de pouco tempo esse na padaria. Profissão no momento é como professor. É essa profissão que eu quero levar para mim [...] (ÂNGELO, PROFESSOR). (SAYÃO, 2005, p. 72)

Sayão (2005) repassa que o professor Ângelo estava iniciando sua profissão de professor na creche no mesmo momento que a autora realizava o trabalho de campo, a bagagem de Ângelo na educação era de base de outras unidades de Educação Infantil, experiência anterior como auxiliar de sala. Sendo nomeado para uma instituição como professor ele enfrentou, segundo Sayão (2005) grande desafio, pois, muitas professoras, grande maioria, já tinham de estrada mais de 15 anos na unidade infantil. Gerando na instituição resistência à sua pessoa, um certo impacto ao seu trabalho, muitos comentários aconteceram entre as pessoas que rodeavam na escola, até apostavam que não daria certo a maneira que ele lecionava com as crianças, como também na sua “inexperiência”, na tentativa de mudar a opinião de Ângelo sobre suas metodologias, que ele deveria aderir à cultura instituição escolar dos pequeninos.

Esses momentos iniciais da chegada do professor às instituições são precedidos de imagens e idéias pré-concebidas por aquelas que “dominam o campo” e que se expressaram em comentários como: As colegas colocaram assim para mim: isso é trabalho de mulher. É mulher que faz esse trabalho. Então eu falei: agora tem um homem. (ÂNGELO, PROFESSOR). (SAYÃO, 2005, p.76)

Nesta resposta, Ângelo desafiou o poder e a autoridade que algumas profissionais, a imagem agora articula com um bom relacionamento com o grupo de crianças e familiares. É perceptível nos escritos da autora que certa resistência Ângelo tinha como denominação da “cultura da creche”, esta situação não deveria ser configuração ao professor, mas, o modelo que vinha sendo cumprido há algum tempo, evidenciava uma proposta de trabalho diferente, gerava conflitos entre o grupo de professores. Conflitos estes que colegas mais antigas de um lado, resistiam à inovação metodológica de Ângelo e, de outro, o próprio professor buscando alianças nas famílias.

Diante dessa narrativa, não é possível afirmar completamente que Ângelo tenha rompido com a trajetória, mas, é possível afirmar que o professor se manteve no processo de afirmação profissional, conseguido exceder as diferenças no Ritual de Passagem. Seu mérito está em conseguir executar o projeto de “ser docente”, na procura do apoio das famílias. Que

bom se outros professores conseguissem ultrapassar a etapa que Ângelo tenha superado e não dá desistência a vida profissional como educador.

Neste momento, iremos analisar os comentários de Sayão (2005) sobre o professor Júnior de 27 anos, nasceu na capital de Santa Catarina, Florianópolis, trabalha há oito anos como professor de Educação Infantil, um turno em escola particular e outro como professor efetivo na rede pública de ensino municipal. Quanto à sua infância, a autora descreveu o que Júnior lembrava:

[...] eu tinha bronquite e a minha mãe tinha muitos cuidados comigo. O filho mais novo tem bronquite e ainda bronquite asmático, pronto. Então como eu tinha tudo isso, ela sempre colocava para mim: tens que ter uma profissão mais calma, tanto é que eu não podia brincar de futebol na rua, eu nunca joguei futebol, eu nunca brinquei de futebol. A gente tinha o costume de brincar de esconder, eu e os meninos que estudávamos todos juntos, ela não me deixava brincar de esconder porque ela achava que eu não podia, daí eu ficava sempre dentro de casa metido fazendo o trabalho da casa. Por isso, eu era o filhinho da mamãe[...] o dondoquinho, delicadinho. Eu sempre tive esta conotação aqui onde eu moro. (JÚNIOR, PROFESSOR). (SAYÃO, 2005, p 85)

Outro que não teve o prazer de ser criança, de ter o direito de brincar. Mas, vamos seguir, Sayão (2005) relata que Junior escolheu o Curso de Magistério, na primeira semana de aula a professora pediu que ele fosse a lousa e escreve-se uma tarefa, logo que acabou de escrever ouviu da professora que homem no magistério e com a letra feia não dava certo. Ao ouvir essa situação a autora lembrou de Saffioti (2000) que designava como síndrome do pequeno poder as ações presentes nas mulheres descrita pelo professor. “O fato de as mulheres comporem a maioria do grupo supondo que “dominavam” o campo levava-as a acreditarem que isso lhes conferia determinados poderes.” (SAYÃO, 2005, p. 86 apud SAFFIOTI, 2000)

Mesmo assim, Júnior não desistiu de ser professor que era seu projeto, até então não almejava a Educação Infantil na sua meta, seu atual projeto profissionalizado. Seu pensamento era ser professor de crianças grandes. Seguindo nos estudos Júnior alcançou o vestibular para o Curso de História na Universidade Federal obtendo aprovação.

A Autora fala que o professor nunca faltou durante os oito anos que lecionou na escola, por causa da motivação de querer ser mais produtivo do que muitas mulheres. Por vezes, objetivando a não desfazer a ideia formada pela coordenação, foi trabalhar com problemas de saúde, para não ter que ouvir de que seria um professor que não apresentaria os problemas do feminino, falavam da sua masculinidade, com o corpo mais, uma determinada representação, logo, economicamente mais produtivo.

[...] eu estou lá há oito anos e eu nunca faltei. A minha filha nasceu, eu casei e não peguei licença de nove dias de acompanhamento. Eu não peguei os oito dias de matrimônio. Eu nunca faltei no C.M., nunca. Eu sempre fui trabalhar doente. Nunca tive uma doença séria, mas às vezes a gente fica resfriado e mesmo assim eu vou trabalhar. Teve um dia até que eu fui e ela [a diretora] me mandou embora. A diretora disse: hoje tu não ficas, hoje tu estás bem doente mesmo [...] (JÚNIOR; PROFESSOR). (SAYÃO, 2005, p. 89)

Desta maneira, fica explícito, o que Júnior tenta mostrar sua eficácia na sala de aula, para não ter que ser avaliado “como aquele que é homem”, a chegada dele na Educação Infantil teve outro marco por seu esforço na profissão como projeto de aceitação social nesta profissão. A Autora fala que o professor no início da carreira, assumiu com sem ter experiência com os/as pequeninhos (as), algumas professoras lhe ofertaram apoio no que diz respeito à educação das crianças pequenas. “Eu peguei uma turma de crianças de cinco anos. Tinha uma auxiliar. Eu não sabia nem o que fazer. Não sabia mesmo. Meu Deus! Eu devo ter feito tanta besteira. (JÚNIOR, PROFESSOR)”. (SAYÃO, 2005, p. 91)

Realidade totalmente diferente ao assumir na escola privada, se percebia que o professor possuía aceitação por parte da direção a respeito do seu trabalho perante a Educação Infantil, mas era as colegas profissionais o rejeitavam como também os familiares das crianças. Júnior relata de acordo com autora que para fazê-lo desistir da carreira, algumas estratégias organizadas pela coordenação da creche, segundo seu entendimento. É, forçando o pensamento do professor a coordenadora comentou que ele seria designado para uma das creches e salientou o seguinte, “Como é que tu vais... eu acho que só tem vaga no berçário ou no maternal”.

Apesar de passar por esta situação, não era um constrangimento suficiente para fazê-lo desistir assumindo a turma de crianças menores, ele ficou no Maternal II, pois a coordenação falou que era a única vaga que tinha. Nos pensamentos do professor estava como atuar com esta turma, pois, nunca tinha trabalhado com materna II, entrou no magistério em 1992. Em meados do mês de abril, a coordenação determinou que o professor mudasse de turma e fosse para a pré-escola, isso porque a professora não estava aguentando lecionar com a turma e ela achava que Júnior não estava bem nos seus métodos com o Maternal II.

Foram duas experiências juntas. Eu disse que estava trabalhando no C.M. de auxiliar e estava gostando do Maternal II. Ela disse: Ah! Mas eles são muito pequenos e tu não tem muito jeito. Quem sabe tu sendo homem a turma do pré está muito difícil, a professora não está conseguindo controlar e a turma do pré a sala era do lado da direção, da sala dela e ela vivia na minha sala. Vivia

na minha sala. Ela vivia na minha sala, direto na minha sala me controlando. Ela e a auxiliar. (JÚNIOR, PROFESSOR). (SAYÃO, 2005, p. 92)

Nesta realidade de Júnior, Sayão (2005) expressar que para resistir e se manter na carreira de educador, faz imprescindível uma observação detalhada no trabalho de outras profissionais, adesão das práticas mais simples existentes na cultura da creche. Qualquer situação que saia do “padrão de normalidade” constituído nesta cultura será razão para os “questionamentos relativos à sua competência profissional. No rol de suspeitas quanto à credibilidade e aceitação do profissional para o trabalho institucional, a sua aparente não aceitação levava-o a inúmeros pensamentos”. (SAYÃO, 2005, p. 93)

Continuando, ao falar de Júnior, a autora expõe que, estes aspectos, no qual sofreu foram os processos que proporcionaram certa formação, modificação no seu trabalho na creche municipal. O fato o ocasionou a estudar, alterou a substância na sua prática, porque passou a determinar mais de si próprio e envolver mais como profissional, devido até das exigências das colegas que pedem coerência de sua parte. O fato de ser muito ativo nos eventos do magistério, ele deve estar sempre no meio das formações acadêmicas, e na unidade onde trabalha também.

Igualmente como Ângelo, o professor Júnior queria ter o reconhecimento na profissão como educador infantil, também eram alvo de serem mal compreendidos nas suas práticas com as crianças, assim, como um professor gostavam de ter certa atenção, mostravam serviço profissional nos seus trabalhos e tinham o conhecimento, pois estudavam várias possibilidades de apresentar algo eficaz no desenvolvimento docente deles.

Diante do trabalho realizado por Sayão (2005) no seu mestrado com entrevistas de professores atuantes na educação, principalmente infantil, fez aguçar o mesmo caminho percorrido do seu trabalho acadêmico. Agora, em mãos foi elaborada e realizada uma pequena entrevista estruturada com as seguintes perguntas:

1 - Qual a sua expectativa quando ingressou no curso em relação à docência na Educação Infantil?

2. Você acha que há preconceito com os homens que têm interesse pela área infantil?

3. Já lecionou na Educação Infantil? (Se não, por quê?) (Se sim, como foi?)

Ao ser lançada nas redes sociais, como meios de comunicação entre a comunidade de professores, só tivemos um retorno do professor “Coragem”, nome fictício para tal personagem que atua na área educacional na rede municipal de Natal/RN atualmente. Em resposta na própria rede social, utilizaremos suas narrativas para posteriormente dialogar juntamente com os teóricos que abrangem este artigo.

Nesta conversa com o entrevistado, especulamos sobre a expectativa quando ingressou no curso em relação à docência na Educação Infantil, a autora Sayão (2005, p. 66) descreve que é um choque relacionando este momento da seguinte maneira como sujeitos “deslocados de sua função primeira, que nos desequilibram quando aparecem fora de seu lugar interferindo em nossas estruturas simbólicas, pode acontecer quando identificamos sujeitos que estariam aparentemente fora de seus lugares ou espaços cindidos por gênero”, após esta constatação que temos a fala do professor:

Não sou muito de criar expectativas sobre qualquer coisa que seja, no entanto, tinha a convicção de que realmente era o que eu queria fazer, tendo em vista que tinha outra profissão, dessa forma fiz opção por ser educador e nesta missão contribuir da melhor forma possível com o projeto de uma educação pública, gratuita e de qualidade. (CORAGEM, 2023)

Na sequência perguntou-se se ele acha que havia preconceito com os homens que têm interesse pela área da educação infantil e novamente Sayão (2005, p.65) fala que ao escolherem, “por várias razões, por uma profissão considerada “feminina” os professores fomentam estratégias envolvendo relações que moldam parte de um pacto que consiste na sua “aceitação” como membros do espaço institucional da creche”. Em resposta o entrevistador escreveu:

Sim. Tendo em vista que a sociedade convencionou que educar crianças pequenas é função da mulher, uma vez que a questão da pedofilia está estereotipada, daí naturalmente o educador masculino geralmente sofre muito preconceito. Estou na educação infantil há 14 anos, apenas 4 dele em sala de aula (período muito difícil), há 10 anos estou na função de coordenador pedagógico mais como uma forma de preservar minha integridade física e moral, tendo em vista que já fui vítima de calúnias e tentativas de agressões físicas. (CORAGEM, 2023)

Tais situações alegadas pelo entrevistado mostra que não foge das situações dos entrevistados por Sayão (2005) percalços que se desenvolveram pelo enfrentamento das diferenças e concepções de gênero na Educação Infantil, além de elementos objetivos e subjetivos envolvendo afetos, emoções, sexualidade, compondo a identidade do/a profissional. E, como última questão temos a colocação se o entrevistado já tinha lecionado na Educação Infantil e se a resposta fosse não, teria que explicar o que havia ocorrido e se sim como ocorreu a experiência. “Coragem” fala:

Sim. Foi muito difícil do ponto de vista da aceitação por parte dos pais e parte de colegas de profissão, a comunidade escolar no contexto geral. Quando exerci em sala de aula considero que exerci com muito responsabilidade, habilidade e competência. (CORAGEM, 2023)

Cenário igual a todos os homens que atuam na sala de aula para ensinar as crianças pequenas. Desde de já agradeço a atenção do entrevistado “Coragem” por auxiliar este trabalho e por ter sido bem íntegro nas suas respostas. Agora, diante da realidade atual o homem está cada vez mais o ingresso do homem na Educação Básica, vindos de concursos públicos e, talvez quem sabe, as poucas limitações ao lecionar com as crianças pequenas possam sofrer significativas alterações.

5 METODOLOGIA

No campo das temáticas, discussões sobre a presença masculina na educação têm sido cada vez mais frequentes, o tema deste estudo científico proporciona a desenvolver uma pesquisa que evidencia, a presença de homens como educadores no campo da Educação Infantil, num espaço de trabalho em que se destaca a figura feminina. Pouco se sabe sobre os “homens e o que o trabalho que empreendem representa em termos das ideias de masculinidade e feminilidade na educação, o que pode ser ampliado para a Educação Infantil”. (SAYÃO, 2005, p. 21 apud CARVALHO, 1998)

Para realizar o presente estudo se teve a busca de conhecimento que abordasse o trabalho de professores na educação infantil acerca do educar e cuidar, que tem sido concebido desde a década de 1990 como indissociável na finalidade de essência da Educação Infantil. Assim, com a intenção de estudar o cenário infantil com a presença dos professores e suas experiências, tivemos como objeto revelando ao longo da pesquisa e definições, categorias e subcategorias, delimitando o foco o artigo a respeito do docente analisado com base no ensino infantil.

A abordagem deste estudo é de pesquisa explorativa, bastante flexível. Para classificar a pesquisa não se pode ter rigidez, pois algumas pesquisas, por causa de suas características, não se condizem com facilidade num ou outro modelo. Entretanto, Gil (2002, p. 43) descreve que na maioria dos casos, torna-se possível classificar as pesquisas com base nesse sistema.

O elemento mais importante para a identificação de um delineamento é o procedimento adotado para a coleta de dados. Assim, podem ser definidos dois grandes grupos de delineamentos: aqueles que se valem das chamadas fontes de "papel" e aqueles cujos dados são fornecidos por pessoas. No primeiro grupo, estão a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental. No segundo, estão a pesquisa experimental, a pesquisa ex-post-facto, o levantamento e o estudo de caso.

O objeto estudado neste artigo está ligado no desenvolvimento de base em material já elaborado, pesquisa bibliográfica, ao universo existencial as abordagens na Educação Infantil ao trabalho docente apresentando algumas peculiaridades em relação à escola tendo em vista que o cuidar e o educar, são atos historicamente enfatizados a compreensão de fenômenos sociais dando relevo à subjetividade ² na rotina das creches.

² subjetividade é o perfil de um modo de ser - de pensar, de agir, de sonhar, de amar, etc. - que recorta o espaço, formando um interior e um exterior.

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço[...]A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos. (GIL, 2002, p. 45)

Sendo assim, com o auxílio da ferramenta Google acadêmico, pesquisas foram instigadas, na maior parte das vezes compreendido aos conhecimentos na Educação Infantil situados na esfera do todo ao ser humano, como corpo, o movimento, emoções, diferentes linguagens e outros elementos, razão na educação das crianças pequenas. “Além disso, o dispositivo legal que garante a educação de zero a seis anos como complementar às ações da família provoca, ou deveria provocar, uma forte aproximação na relação creche-família”. (SAYÃO, 2005 p. 23)

Frente aos registros, teremos uma abordagem quali-quantitativa, na qual possibilitasse ir a fundo com os objetivos traçados, na busca de algumas respostas de acordo com o trabalho, como afirma Melo (2019, p. 10) apud Minayo (2007, p.64), “em que a entrevista semiestruturada combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada”.

Portanto, na busca se evidencia um estudo, a partir de revisão teórica e documental, com possibilidade de entrevistas estruturadas, na procura de identificar como se encontra na atualidade as relações de trabalho do professor na educação infantil em meio a comunidade escolar.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O tema abordado nos faz refletir sobre as relações de acordo com o gênero, o papel que o homem e a mulher ocupam na sociedade e como são vistos de maneira geral no grupo a qual pertencem, neste caso na área da educação, especificamente na educação infantil. A partir dos estudos realizados, os teóricos constataam um certo paradoxo na cultura brasileira em relação ao preconceito da figura masculina no ensino infantil.

Vimos que em fatores históricos da conquista na educação básica incluir o ensino infantil como algo legalizado se passou por várias etapas o conceito de infância como base cultura do sujeito pensantes, no caso, as crianças pequenas. Neste momento com a elite idealizando o assistencialismo para com as crianças, possibilitou abertura de as mulheres lecionar, no campo que até então era pertencente aos homens.

Mas, vale salientar que o surgimento da educação foram os homens idealista do ato de passar conhecimento ao outro, sistematizar tudo que é propício para a formação do sujeito em um cidadão de cultura plena, neste caso, só para as crianças do gênero masculino, as meninas não podiam estudar, eram propícias para afazeres domésticos.

Como está escrito em uma das etapas do trabalho em que se fala da troca dos gêneros sobre quem deve ensinar as crianças. Tirando de cena os homens e colocando as mulheres de figura materna e de valores emocionais evidentes entre elas, auxiliando na atuação da sala de aula. Já que o homem desta vez, e visto como brusco, sem delicadeza ao ato assistencialista com as crianças, principalmente as pequenas.

Passando por todo este processo, a figura masculina só ganha um olhar diferenciado quando começa a inclui-los nas salas infantis através dos concursos públicos, pois, o espaço da educação privada ainda tem certo receio de contratar homens para o ensino infantil. Fica difícil para alguns pais, funcionários de instituições educacionais e até mesmo as colegas de profissão visualizar um homem na sala de educação infantil em que se cuida e educa as crianças, especificamente com o cuidar, no que se refere a higienização dos pequenos.

A gaúcha Sayão (2005) autora e pioneira em um mestrado em falar do gênero dos profissionais de educação diante do ensino infantil, ela ao passar certo período numa instituição realizou entrevistas com alguns educadores homens e constatou uma realidade de preconceitos, discriminação com eles por estarem no espaço dito para figura feminina. Diante desta inquietação da autora citada, ao escrever este artigo foi idealizado algo parecido, com resultado de um único entrevistado, mesmo que fosse por rede social, mas de grande relevância para este estudo ao tema central.

Conclui-se que ao pesquisar sobre a atuação docente do homem, promove profunda discussão ampla sobre a questão de gênero, em toda o envolvimento que se constitui em torno dele. Esse é um ponto que se desencadeia na escola, partida para refletirmos sobre esses processos repressivos, porém, a escola não é tão complexa para uma mudança, mas, sim as pessoas que edificam a escola, estas articuladoras de saberes e conhecimentos, as quais que formam pessoas como agentes políticos, ativos, participativos e críticos na formação deles.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, argumentou na problemática em compreender como os homens conseguem vaga de professor na educação infantil, espaço este, tipicamente feminino, em um ensino que considera noção de cuidado e educação como princípios inseparáveis na educação de zero a seis anos. Num trabalho docente com base em categorias como corpo, sexualidade, brincadeira e movimento.

Para a finalização deste trabalho é preciso ressaltar que os profissionais se formando em Pedagogia, do sexo masculino devem procurar atuar na educação infantil como qualquer outra pessoa da esfera educacional, sejam sujeitos ou profissionais. A respeito dessa situação, temos um enfrentamento, em que o professor deve realizar um trabalho devotado em um novo olhar que reconheça, através das tentativas de inclusão, a igualdade dos profissionais, sem estereótipos, apontamentos e vigilância e preconceitos.

Na sociedade atual é preocupante que profissionais capacitados sofram com atitudes e olhos preconceituosos dentro de uma instituição escolar que forma cidadãos. Atuar na Educação Infantil é como por muitas vezes os próprios colegas de trabalho, induzem a dificuldade maior para os profissionais educadores de figura masculina se pretende, ter uma nova conduta, com a igualdade e respeito como sujeitos que solicitam a educação independente do sexo que possuam.

Portanto, se deparar com medos e preconceitos em seu trabalho fará parte ao educador contemporâneo, a solução vai estar ao resultado do seu trabalho, com dedicação, nível de profissionalismo, seja, figura masculina ou feminina para os educadores. Profissional de comprovação da competência e ética, existentes sempre na sua atuação, validado pela escuta todo dia das crianças, utilizando da ludicidade ou até mesmo na comunicação com coordenadores e diretores, fazendo-o perceber a importância de participar em contato direto e/ou continuado com a criança.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2023.
- GIL, Antônio Carlos, 1946- **Como elaborar projetos de pesquisa**. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf. Acesso em: 15 abr. 2023.
- MELO, Filipe Fagundes de. **HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: preconceitos e desafios**. Artigo científico apresentado ao Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2019. 16 p. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/42318/2/HOMENS%20NA%20EDUCAÇÃO%20INFANTIL.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2023.
- NUNES, Maria Fernanda Rezende, CORSINO, Patrícia, DIDONET, Vital. **Educação infantil no Brasil: primeira etapa da educação básica**. – Brasília: UNESCO, Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, Fundação Orsa, 2011. 102 p.
- SANTOS, Guilherme Rodrigues dos. **O HOMEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A busca de um lugar num espaço ainda feminino**. Conclusão de Curso (Pós Graduação em Gênero e Diversidade) - Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, Orientador: Nádya Laguárdia de Lima. 2016. 33 f.
- SANTOS, Sandro Vinicius Sales dos. Homens na docência da educação infantil: uma análise baseada na perspectiva das crianças. **Revista Brasileira de Educação**, [S. l.], ano 2021, v. 26, n. e260077, p. 18, 2021. Disponível em: <http://doi.org/10.1590/S1413-24782021260077>. Acesso em: 15 abr. 2023.
- SAYÃO, Deborah Thomé. **RELAÇÕES DE GÊNERO E TRABALHO DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO DE PROFESSORES EM CRECHE**. Florianópolis, 2005. 274 f. Disponível em: file:///C:/Users/MEU%20PC/Downloads/DEBORAH_THOME_SAYAO_RELACOES_DE_GENERO_E.pdf. Acesso em: 15 abr. 2023.
- SILVA, Angela Cristina Gomes da. **REFLEXÕES SOBRE O PROFESSOR DO SEXO MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**. Monografia (Licenciatura Plena do Curso em Pedagogia) - Faculdade de Formação de Professores da UERJ, São Gonçalo/ RJ, 2014. 34 f. Disponível em: <http://www.ffp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/Monografia.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2023.
- SILVA, Peterson Rigato da et al. Homens na educação Infantil: Propostas Educativas Açucaradas? Questões de Gênero na Educação da Pequena Infância. **Zero-a-Seis**, Piracicaba/SP - Brasil, v. 22, ed. 42, p. 1/22, jul./Dez. 2020.

SOUZA, Daniel Freitas de. **PROFESSORES HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS, CONQUISTAS, RECONHECIMENTOS E LIMITES**. Trabalho de Conclusão de Curso. 2022. 38 f. Disponível em:
<https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/bitstream/123456789/5272/1/Trabalho%20de%20Conclusão%20de%20Curso%20II%20-%20Daniel%20Freitas%20de%20Souza.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2023.